

O FEMININO E A INTERNET: CORPO, PERFORMANCE E SEXUALIDADE NAS REDES SOCIAIS

Manuela do Corral VIEIRA¹

RESUMO

A pesquisa está centrada na compreensão das formas pelas quais as relações nas redes sociais da internet influenciam nas vivências do corpo, da performance e da sexualidade. O estudo é resultado de reflexões teóricas sobretudo advindas de Judith Butler, Emily Martin, Donna Haraway, Georg Simmel e Michel Foucault, bem como sobre os pontos principais de trabalho de campo realizado com jovens mulheres residentes na cidade de Belém (Pará), na área metropolitana.

PALAVRAS-CHAVE:

Feminino; Internet; Corpo.

ABSTRACT

The research is focused on understanding the ways in which relations in social internet networks influence the body experiences, performance and sexuality. The study is the result of theoretical reflections mainly arising from Judith Butler, Emily Martin, Donna Haraway, Georg Simmel and Michel Foucault as well as on the main points of field work carried out with young women living in the city of Belém (Pará) in metropolitan area.

KEYWORDS:

Female; Internet; Body.

1. APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O ESTUDO

“Não vemos as coisas como são, vemos as coisas como somos.”
(Anais Nin)

Uma vez que os meios de comunicação, bem como a própria internet, configuram-se como extensões do homem, conforme proposto por McLuhan (1998), é possível desenvolver uma interpretação peculiar sobre como os jovens tratam temáticas como a privacidade, o limite e a realidade na construção de suas identidades no ambiente do ciberespaço oferecido como campo da construção das redes sociais. Destarte, se desde muito que o homem se expressa através de formas de identificação e se a cada afirmação configura-se também uma negação, a construção do indivíduo parte desde sistema de escolhas que são reflexos de um contexto de tempo, espaço, história, sociedade e significados culturalmente compartilhados e que orientam as ações dos indivíduos de determinado contexto (GEERTZ, 1973).

Destacam-se os estudos realizados por Judith Butler uma vez que, em seus trabalhos sobre o feminismo, a autora destacou o fato do sujeito não ser único, pelo contrário: este se apresenta múltiplo e, na maior parte das vezes, complexo. Desta forma, múltiplos caminhos são possíveis e a performance que cada sujeito exercerá em seus horizontes sociais é determinante para coletivizar um único, mas plural, indivíduo. Consequentemente, uma análise sobre o comportamento e os padrões identitários e sociais dos indivíduos não deve ser percebido de maneira superficial e lógica, pois muitas vezes as identidades, segundo prevê Butler, seguem um caminho próprio e muitas vezes conflituo em suas coexistências:

¹ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). É Professora Adjunta na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM-UFPA), professora permanente no programa de Pós-Graduação

Comunicação, Cultura e Amazônia. É líder do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Consumo e Identidade” (UFPA-CNPq) e coordena o projeto de pesquisa “Consumo, Identidade e Amazônia: relações de sociabilidade e interação através da comunicação”.

Se o meu fazer é dependente do que fazem comigo, ou ainda, na forma como eu sou feito pelas normas, então a minha persistência como um “Eu” depende da minha capacidade do fazer alguma coisa com o que é feito comigo. Isso não quer dizer que eu possa refazer o mundo como se fosse seu criador. Essa fantasia de poder divino recusa as formas como somos constituídos, invariável e desde o começo, pelo que está antes de nós e externo a nós. Minha agência não consiste em negar esta condição da minha constituição. Se eu tiver qualquer agência, é possível pelo fato que eu sou constituído por um mundo social que nunca escolhi. Que minha agência é trazida pelo paradoxo não significa que ela é impossível. Isso apenas significa que seu paradoxo é a condição de sua possibilidade (BUTLER, 2004, p.03)

O objetivo central deste trabalho é resultado de apontamentos observados acerca da vivência do corpo, do gênero e da sexualidade entre jovens da cidade de Belém e área metropolitana nas redes sociais da internet, bem como de que maneira estas experiências são responsáveis por influenciar e construir identidade e práticas de performance destas jovens. Desta forma, as considerações aqui expostas apresentam reflexões da leitura dos cenários on e off line das interlocutoras, bem como sobre suas relações com subjetivas e com o Outro, uma vez que se considera fundamental analisar os aspectos que constroem e afeitam os sujeitos em uma perspectiva que não se limite apenas a internet, bem como aos fatores que influenciam as vivências on line.

Válido ressaltar, para definições metodológicas que, a definição da categoria “jovem”, conforme percebida neste trabalho de pesquisa, aproximou-se daquela proposta pela pesquisadora,

historiadora e antropóloga Maria Luiza Heilborn (2006), em seu estudo acerca da experiência da sexualidade, da reprodução e das trajetórias juvenis, o conceito de jovem pode ser compreendido a partir de percepções historicamente desenvolvidas e consolidadas, daí porque a metodologia de trabalho aqui proposta coincide com a de Heilborn ao perceber que “as fases do ciclo de vida ou categorias de idade são móveis e variam ao sabor de novas concepções sociais acerca do humano e das relações intergeracionais” (HEILBORN, 2006, p.39).

Logo, o presente estudo se concentrou em pesquisa realizada sobre as vivências e as construções identitárias entre jovens mulheres que possuíam redes sociais de internet, dentro do recorte metodológico de que estes sujeitos se auto reconhecessem na categoria “jovens”, o que acabou por originar em um público de entrevistas variável dos 16 aos 27 anos. Ressalta-se, ainda, que todos os nomes presentes neste estudo são fictícios, com o intuito de preservar a identidade e a privacidade das interlocutoras. Assim, o trabalho de campo realizado consistiu em onze entrevistas em profundidade, com roteiro semiestruturado. Todas as entrevistas foram realizadas, individualmente, na cidade de Belém e área metropolitana, em caráter off line, e em dias diferentes, totalizando, aproximadamente, oito meses de realização do campo.

Partindo destas considerações, pesquisar as formas de representação e construção da identidade e vivências femininas, no campo de estudo das redes sociais, é lembrar que o simbólico e o operatório, em uma narrativa, não devem ser hierarquizados tendo como foco de análise seus códigos, ou corre-se o risco de acabar com a pluralidade das expressões do sujeito em seu meio social e nos ambientes dos quais faz parte. Assim, algumas questões sobre gênero e sexualidade, relacionamentos amorosos.

2. CORPO E IDENTIDADE

O estudo da identidade leva a refletir que, a partir do momento, no qual a vida de grupos e a importância destes para a socialização começam a ser alvo de estudos, conforme retrata Georg Simmel (2006), passa-se a desenhar uma perspectiva acerca das questões principais da vida do sujeito na sociedade e na vida individual. Dentro desta forma de análise, as ações da sociedade extrapolam o olhar individual e o que se percebe é um indivíduo pressionado por todos os lados, sejam eles impulsos, sentimentos ou pensamentos. Para perceber algumas nuances entre coletivo e individual, faz-se necessário compreender o sujeito como parte integrante de determinada massa, sendo esta a porta de entrada – o fazer parte – responsável para que o sujeito pertença a um ou mais grupos sociais.

Segundo o sociólogo Manuel Castells (2003), as redes se constituem em mais um potencial espaço para que o sujeito experimente sua vida, sua cidadania no mundo, considerando que quanto mais se explora este novo palco de interação social, mais há algo a se (auto) descobrir. Aqui, retoma-se os estudos de Butler na afirmação da autora de que, dependendo da situação e de sua importância, inclusive simbólica, identidades podem se unir, mas também se separar, de acordo com as necessidades e as afinidades que estejam sendo relacionadas dando mostras de que o processo de negociação está intimamente ligado com o de construção dos processos de identidade e que estes nem sempre são lógicos.

Sobre estas representações sociais, no que tange as questões da identidade, Butler destaca a importância do gênero, sendo este construído no momento da performance, que se configura como a demonstração da essência que o sujeito possui naquele determinado momento, no que diz, no que faz ou no que ostenta socialmente, no caso do estudo a que me proponho, esta situação é vivenciada,

em especial, na questão das fotos que o sujeito disponibiliza sobre si ou sobre assuntos de seu interesse ou de relevância para este. Consequentemente a questão das representações identitárias tratada por Butler também está presente nas identidades das redes sociais de internet, quando os sujeitos atuam segundo diversas performances, de acordo com os laços sociais, que se aproximam em determinado momento, ou, inclusive, aqueles que negam, haja vista que “as identidades podem ganhar vida e se dissolver, dependendo das práticas concretas que as constituam” (BUTLER, 2003, p. 37).

A questão da performance e do corpo são, assim, aspectos caros no ambiente da cibercultura, pois uma vez que o sujeito não se mostre “interessante”, performaticamente, o que inclui a expressividade de suas fotos e do que seu corpo representará a determinado grupo social, estes podem ser excluídos ou simplesmente invisibilizados pelo coletivo em questão, uma vez que não haverá identificação, não se desejará permitir o pertencimento. Butler, mais uma vez salienta:

‘o corpo’ aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção (BUTLER, p.27, 1990).

Partindo das ideias mencionadas anteriormente, e tendo como exemplo a diversidade de questionamentos e posturas de vida vivenciadas no social, destaca-se a forma como as trajetórias são formadas e construídas a partir de um eterno vir-a-ser, no qual algumas transformações e formas adaptativas

sobressaem-se para cada contexto. Carla e Marta, duas interlocutoras desta pesquisa, namoram no plano off-line, entretanto ambas preferem não assumir a relação em suas redes sociais da internet. O cuidado e a cautela manifestos por Carla e Marta representam a complexidade do que constitui nossas identidades: o que assumimos? O que extravasamos? O que desenvolvemos apesar dos julgamentos? E, sobretudo, quanto de tudo isso necessita ser público para ser verdadeiro? Para o casal de entrevistadas, a relação em nada era diminuída por não estar nos olhos públicos da Rede, apenas era mais uma das formas de se preservar a individualidade, tanto de possíveis reações preconceituosas, quanto do próprio cuidado, que mais tarde pude perceber na entrevista individual de ambas, que possuem sobre o que divulgam de suas vidas.

De acordo com Pierre Levy (1996), o espaço das redes é formado por diversas atividades que estão coordenadas e construídas por interlocutores que se encontram no espaço físico, daí porque, juntamente com a terra, o território e o mercado, o ciberespaço constitui-se em mais um ambiente para os estudos antropológicos. Por conseguinte, uma vez que os meios de comunicação, bem como a própria internet, configuram-se como extensões do sujeito. Assim, se a cada afirmação configura-se também uma negação, a construção do indivíduo parte desde sistema de escolhas que são reflexos de um contexto de tempo, espaço, história, sociedade e linguagem, conforme declara o semiótico francês Eric Landowski (2002, p. 95) em seus estudos sobre identidades que

(...) se constroem e se redefinem permanentemente, em favor de um jogo sem fim sobre formas em si mesmas quase sem importância, mas mediante cuja manipulação cada grupo ou até cada indivíduo se coloca e se descobre dinamicamente, diferenciando-se ele mesmo de seus vizinhos. (LANDOWSKI, 2000, p. 95).

Dalila afirma que gosta de publicar fotos em sua rede social, entretanto apenas aquelas nas quais está em alguma situação especial, como uma saída com os amigos, ou que está em viagem ou fazendo algum curso. Estes recursos e estas práticas demonstram a orientação que a interlocutora possui de construir sua persona social a partir de atos e situações que possam conferir algum adjetivo ou diferencial comunicativo. Pode-se reconhecer um incremento nas práticas de performance na rede de Dalila, por exemplo, quando esta, conforme confessou, gosta de “marcar” o nome das pessoas que aparecem nas fotos. Desta maneira, outros possuem um incentivo maior para acessar a página do perfil de Dalila e de comentar em suas fotos ou nas temáticas que disponibiliza.

A adaptação de nossas práticas às necessidades e às vontades de expressão implicam no que Marcel Mauss (1974) denomina educação do corpo, categoria esta que será analisada no tópico seguinte. Tendo em vista a funcionalidade e o emprego que se deseja para aquele instrumento-corpo, apreende-se socialmente o que determinadas posturas e vestes significarão socialmente e se expressa de acordo com a intencionalidade do ato.

Esta situação se reproduz nas redes sociais da internet quando é possível perceber a seleção que os entrevistados realizam das fotos que publicam, através da operação de uma espécie de filtro, capaz de categorizar os “melhores momentos” e as posturas e vestimentas mais pertinentes a serem divulgadas na rede da internet. Nenhuma das interlocutoras demonstrou interesse em publicar fotografias, por exemplo, acerca de suas rotinas, apenas quando estas expressavam alguma situação a qual consideravam de destaque, como uma viagem realizada ou um dia de festa no qual trajavam roupas diferenciadas ou se relacionavam, sobretudo, com inúmeras ou novas pessoas. Em alguns casos, os interlocutores diziam que apenas

se interessavam em publicar fotos nas quais estavam em outra cidade, outro país ou alguma festa, pois consideravam que o cenário, bem como suas próprias personas, nestes contextos, despertariam a atenção dos demais e construiriam uma narrativa diferenciadora do lugar comum encontrado na maior parte de suas rotinas.

Foi possível constatar que, dentro dos critérios que regiam a coletivização de determinado conteúdo, não apenas o visual interferia, mas o contexto e o local de onde se falava e para quem se falava eram de principal fundamento sobre quem teria ou não acesso a específico assunto. Destaca-se aqui a importância que a unanimidade dos interlocutores conferiu à criação das chamadas [listas], recurso este disponibilizado pelas principais redes que permitem a publicação de imagens. Através das listas é possível ao sujeito criar, em seu perfil na rede, um ou vários agrupamentos dos contatos presentes na sua rede da internet. Desta sorte, é possível realizar a seleção daquelas listas que terão ou não acesso a uma foto ou a uma publicação, por exemplo.

A existência e utilização destas listas por um perfil na rede demonstram como nem todas as performances de um corpo estão acessíveis ou desejam ser expostas a qualquer um, como acontecem através da seleção de quem terá acesso a determinadas fotografias. No próximo item serão exploradas algumas das situações vivenciadas em campo acerca deste assunto.

A análise sobre os comportamentos e os padrões identitários e sociais dos indivíduos não deve ser percebida de maneira superficial e lógica, pois muitas vezes as identidades, segundo prevê Butler (2004), seguem um caminho próprio e muitas vezes conflituoso em suas coexistências, por isso a própria questão do simbólico deve ser compreendida como resultado da agência de seus sujeitos mediante as relações que estabelecem com o meio

social no qual estão inseridos.

Sobre isto, retoma-se a fala de uma das interlocutoras, Lia, oriunda de família humilde que, aos 25 anos Lia se tornou médica. Lia também é mulher e é negra, combinações estas que, segundo afirmou, muitas vezes já a colocaram como alvo de diversas práticas preconceituosas, mas afirmou que, foi na internet que encontrou formas explícitas de exteriorizar seus sentimentos em situações de indignação e perceber um apoio maior de amigos e conhecidos:

Tu passas por uma situação e preconceito e aí tu colocas ali [na rede social da internet] e algumas pessoas às vezes dividem, ou reforçam 'preconceito não tá com nada'. Se 'tiver alguma indicação, se já ouvi alguma pessoa falar coisas que me interessaram ou me apoiaram, aí fica mais fácil e eu digo 'vou procurar esse aqui para conversar'.

A partir da fala de Lia, pensar o estudo da identidade como resultado das várias performances que um sujeito pode assumir, leva a considerar uma observação mais profunda dos vários mundos nos quais habita, ou melhor: constrói a trajetória de sua identidade, em tempo e espaço os quais devem ser contextualizados. Consequentemente, o contexto da cibercultura, no que diz respeito às redes sociais da internet, em paralelo com os mundos off-line destes sujeitos, expõem algumas indagações. Um destes questionamentos diz a respeito à reflexão de que as mudanças estruturais e a liquidez do mundo pós-moderno deram origem a uma tensão entre os níveis micro e macro da sociedade, envoltos em uma complexa relação com territórios subjetivos.

3. PERFORMANCE E SEXUALIDADE

Retomando algumas percepções

das entrevistas realizadas, ressalta-se que em alguns casos, sobretudo nos que envolviam a intenção de um relacionamento, fosse ele por um parceiro afetivo ou por amizade, havia a intenção muito mais da experiência. Destarte, em alguns momentos, a motivação principal, por se estar em determinada rede, era a de experimentar sexualidades e possibilidades de comportamentos sexuais, caso para o qual a ferramenta do anonimato, conferida nestas redes, se tornava um dos aspectos mais convidativos. Um exemplo disto foi quando se indagou a Carla sobre se a homossexualidade era uma questão assumida em suas redes sociais da internet, a interlocutora, em uma postura firme, característica de sua identidade ao longo de toda a entrevista, declarou:

eu não tenho problema de assumir em absoluto se chegarem e me perguntarem ou se tiver que falar, eu não vou falar 'o meu namorado', eu acho isso ridículo, eu penso que quem tem que me aceitar sou eu, só que eu não chego falando pra todo mundo, porque se eu fosse hétero também não faria isso, porque sendo lésbica eu tenho que fazer? Esses links 'orientação sexual' eu também nunca preencho, eu sempre deixo sem resposta, mas acho que mesmo que fosse hétero não preencheria, não tem porque se rotular. Assim como colocar 'estado emocional: feliz, triste, deprimido'. Uma pessoa que vai responder com seriedade, não vai responder assim. Pra mim, quem se rotula quer aparecer, acaba sendo uma autoafirmação muito mais pra si que para qualquer outra coisa, e para mim, as minhas autoafirmações tem que ser pra mim, não preciso expor para ninguém, mas isso é pensamento meu, não critico quem faça, cada um funciona de um jeito. Se perguntar, seja em rede social ou vida extra internet, nunca vou esconder.

O posicionamento de Carla demonstra a maneira como toma algumas questões em sua vida: seus pais sabem de seu relacionamento com Marta, bem como

de sua homossexualidade, assumida então há mais de quatro anos. Apesar de viverem em uma situação de respeito e tolerância, não se pode dizer que há uma felicidade, por parte dos pais, pela “escolha” feita por Carla, entretanto não há esconderijos em sua vida concreta, o que há é uma postura discreta do que a interlocutora o é, tanto em sua vida on-line quanto off-line, pouco se pode saber de Carla apenas pelo acesso a suas redes sociais da internet, bem como pouco se saberá de sua vida ao tomar como referência um primeiro contato com seu mundo off-line.

É possível interpretar a situação descrita acima a partir da leitura dos grupos formados nas redes sociais da internet, nos quais o sujeito igualmente atuará performaticamente, de acordo com as demandas e necessidades do contexto, questão esta também abordada na relação sujeito/subjetividade da definição de território, exposta anteriormente, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997). Diante disto, reconhece-se a pertinência dos fundamentos trazidos por Butler (2004) em seus estudos de sexualidade, no que tange às análises sobre a performance e a identidade dos sujeitos ao argumentar que a capacidade do ser humano está em ser único e plural, apesar de sua participação em coletivos sociais.:

se o meu fazer é dependente do que fazem comigo, ou ainda, na forma como eu sou feito pelas normas, então a minha persistência como um “Eu” depende da minha capacidade do fazer alguma coisa com o que é feito comigo. (...) Se eu tiver qualquer agência, é possível pelo fato que eu sou constituído por um mundo social que nunca escolhi. Que minha agência é trazida pelo paradoxo não significa que ela é impossível. Isso apenas significa que seu paradoxo é a condição de sua possibilidade. (BUTLER, 2004, p.03)

Lia e Carla argumentaram que, apesar de

fazerem uso das redes sociais da internet não confiam que as práticas presentes na vida on-line se assemelham ou podem substituir certas práticas da vida off-line. Lia, por exemplo, declarou que, apesar das redes a manterem informada sobre o que acontece na vida de seus amigos, não acredita que uma amizade possa ser mantida apenas com as trocas da internet. Carla acompanha esta opinião quando declara que certas coisas “mais sérias”, como um relacionamento amoroso, não podem existir apenas na internet, pois é muito fácil falsear e enganar a outra pessoa, especialmente pelos maus entendidos gerados por uma comunicação intermediada por computador, na qual gestos e olhares acabam sendo suplantados por letras e desenhos que tentam imitar expressões humanas como sorrir, chorar e gritar. Carla afirmou:

uma coisa é estar falando com a pessoa frente a frente: tu falas algo e a reação da pessoa é uma. Na internet tu não vês a reação da pessoa, acaba sendo um comportamento diferente. Acho que na internet tenho menos tato para falar com as pessoas, eu acabo falando o que eu quero falar.

As distintas performances operadas pelos sujeitos e as maneiras múltiplas de construir e vivenciar a identidade faz referência a afirmação de Butler (2003) sobre a forma como as identidades são alternativamente instituídas e abandonadas, a partir do caráter provisório que possuem, uma vez que o sujeito está em constante mudança em meio a um mundo que igualmente, e de maneira constante, transforma-se. Ainda partindo dos estudos feministas acerca da multiplicidade e fluidez identitária, Donna Haraway (2004) salienta a interferência que os conceitos culturais, político e historicamente estabelecidos, operam no social e nas categorizações que temos acerca da identidade e seus componentes:

se as teorias feministas de

gênero partiram da tese de Simone de Beauvoir de que não se nasce mulher (...) para a compreensão de que qualquer sujeito inteiramente coerente é uma fantasia, e que a identidade pessoal e coletiva é precária e constantemente socialmente construída (...) finalmente, e ironicamente, o poder político e explicativo da categoria ‘social’ de gênero depende da historização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias, universalizantes, que geraram o conceito de sistema de sexo/gênero num momento e num lugar particular na teoria feminista sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com consequências, nas quais a natureza não mais seja imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo para o gênero. (HARAWAY, 2004, p. 245- 246)

Nota-se que a observação dos pressupostos feministas de Haraway (2004) pode ser percebida no trabalho de campo realizado, através de mediações que, para além do pensamento e da linguagem, envolvem a interação com os objetos podem nos tornar cada dia mais ciborgues, a partir do uso de novas estéticas e maneiras de sentir e viver o mundo social, nossas identidades e relações com o Outro, como por meio de computadores para se comunicar e redes sociais que podem aprofundar as relações com a própria subjetividade e com o mundo. Desta forma, ao entrarmos em contato e fazermos parte de comunidades na internet, estamos envolvidos em mais um dos múltiplos exemplos de como a flexibilidade e a fluidez nos estilos de vida, e nos próprios objetos, são uma característica marcante de identidades, sujeitos e do próprio contexto atual.

Seguindo esta linha, o trabalho da

antropóloga Emily Martin (1994) é exemplo de como os estudos e as pesquisas se tornam mais atentos a determinadas situações, como a própria questão do corpo, inicialmente concebido de maneira singular, o masculino, e todos os outros estabeleciam relação ou comparações com este, a partir de valores racionais. Desta forma, Martin expressa como a cultura é responsável por moldar não apenas os corpos e suas funções e finalidades, como toda uma esfera do pensamento.

Segundo Martin (1994), são nos espaços culturais que recebemos o reforço e o conteúdo das práticas adaptáveis e flexíveis. Desta maneira não só a questão do corpo é vista como algo padronizado e com funções pré-definidas dentro de uma norma, mas a própria identidade era antes interpretada como algo único, por isso, indivíduos que possuíam identidades variadas eram conferidos a doentes sociais. Contradizendo esta forma de perceber corpo e identidade, o que a antropóloga propõe é uma visão mais flexível dos conceitos e das finalidades e usos que os sujeitos dão a seus próprios corpos, o que podemos adaptar também para o que é observado nas redes sociais da internet e na maneira como os sujeitos se representam e expressam sua identidade e exercitam diversas facetas do Eu. Um exemplo principal percebido sobre isto, quando da realização do trabalho de campo, diz respeito à finalidade e as formas de interação dos entrevistados para com suas redes: enquanto uns se mostravam extremamente cautelosos, especialmente acerca das questões de privacidade e qualidade do conteúdo recebido e publicado, como fotos e comentários, outros não percebiam grandes empecilhos ao usar as redes sociais em profundidade. A diferença foi reconhecida, inclusive, dentro dos relacionamentos amorosos, fossem homos ou heteros.

Esta é a razão principal por este trabalho acreditar que a palavra “adaptação” é uma forte aliada para conceber e existir

no mundo atual. Consequentemente, chega-se a conclusão de que a vida on-line torna-se flexível porque a própria vida off-line assim o é, afinal o jovem que vai à escola, segue para seu estágio, sai para namorar, estabelece relacionamentos familiares, dentre outras situações sociais as quais demandarão posturas e comportamentos, desde a forma de falar, até as conversas que traçar e a forma de se vestir particulares. Por isso, a identidade que se vive no mundo on-line não pode ser analisada e considerada de maneira a se desvincular com a off-line.

Perfis nas redes sociais são facetas da identidade que coexistem não apenas no subjetivo, mas podem ser visualizados nas páginas da internet. A autora ainda destaca que são a opção do anonimato e a fluidez as principais características que demarcam a diferença da internet em relação a outras formas de comunicação e sociabilidade. É permitido, através destas particularidades, a experiência de optar por viver diversas experiências, acionando ou refutando determinados aspectos da identidade, de acordo com o contexto.

Daí a razão pela qual, quando se esbarra em preconceitos ou situações delicadas, sobretudo nas questões da sexualidade, a opção pelo anonimato on-line era utilizada. Foucault (1979), em análise específica sobre a temática da sexualidade, mas, em uma visão macro, acerca da constituição de estados estáveis e condizentes com a norma, declara a questão de como o poder também é algo efêmero e que o discurso, assim como as identidades experimentadas, podem, e acabam por assim o ser, diversas, e apresentam sua própria forma de libertação e resistência ao que não é permitido, mas nem por isso deixaria de ser desejado, neste caso, no campo do comportamento, demonstrando que os discursos são diversos porque assim o são os sujeitos: fluidos e plurais. Por isso,

não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um

outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. (FOUCAULT, 1979, p.97).

Não à toa, as interlocutoras buscavam divulgar aspectos de suas identidades, através das páginas da internet, com a intencionalidade de fornecer um contexto de características para cada situação e finalidade. A ideia metafórica de redes mostra que estando os sujeitos nos nós, o que lhes liga é um fio de interesses afins que pode, a qualquer instante, receberem a conexão e outros nós, bem como serem desatados para se ligarem com outras pontas. Entretanto, estes momentos de conexão de desconexão dos nós nem sempre é permanente, uma vez que existem interesses de prioridade, o que não significa um desaparecimento dos secundários. Desta forma, alguns nós estarão muito mais fortes do que outros, de acordo com o conteúdo que se trata e com os interesses buscados, através destes laços relacionais e associativos, pelo sujeito.

As chamadas [janelas] dos computadores na internet são as portas de entrada, e também de saída, às possibilidades que a internet oferece. Tratam-se de características de uma pulverização do sujeito que, quase como em uma obra de ficção científica, pode estar em vários lugares em espaço e tempo próprios e particulares ao mundo digital. A experiência da fluidez pós-moderna, facilitada pelo computador e pela internet, mostra que o sujeito pode ser muitos e, não necessariamente, desaparecer com determinadas características, práticas e comportamentos ao desligar o computador.

Em alguns casos relatados no trabalho

de campo, o que se buscava nas redes sociais da internet não possuía uma relação direta com algo vivenciado off-line, mas, em virtude de despertar o interesse, a interlocutora ia em busca de determinada informação que considerava pertinente à formação de sua identidade, embora reconhecesse que em alguns casos a interpretação do senso comum era a de que se fazia parte de uma rede social sobre determinado assunto, automaticamente o sujeito havia passado ou passava por temáticas afins. Carla declarou, como exemplo da diversidade de conteúdos que lhe interessa e que lhe constrói:

No Twitter, eu gosto de música gospel e de rock, se a pessoa tiver algo interessante para me acrescentar eu não tenho problema com isso [com a diversidade de assuntos e identidades encontradas entre os sujeitos nas redes sociais da internet], até porque eu tenho muito cuidado para não rotular ninguém. Eu tento sempre ir além do primeiro impacto [primeiras impressões e conceitos]. Acho que deixo bem claro que tenho gosto bem diferente um do outro, nunca tive problema de esconder isso, 'tá lá na minha página [perfil da internet da entrevistada].

[Por exemplo] Tinha um fórum que eu participava que era de debate sobre homossexualidade e era muito mais por ele trazer notícias, não por ser uma comunidade de pessoas homossexuais, muito mais pelas informações que trazia. Eu participo de fóruns de violência doméstica e nunca sofri violência doméstica, participo de fórum de abuso sexual, que eu também nunca sofri, não é uma coisa que esteja pertinente a minha história de vida, mas participo porque acho interessante os debates.

Sendo assim, um conteúdo interessado e do qual se busca informação, não seria uma demarcação de história de vida? Não seria uma ação verbal ou mental? Desta forma, por mais que o sujeito não tenha a vivência de atitudes e situações físicas sobre determinados conteúdos, a ação do pensamento poderia implicar em traços de sua identidade.

Por conseguinte, não é apenas determinado conteúdo da rede da internet que adquire relevância, mas toda uma situação de vida percebida, ainda que muito mais no plano do subjetivo, pelo sujeito que o fazia distanciar-se das características que antes lhe eram mais presentes, mais marcantes ou até de maior interesse, em prol de outras conjunturas de vida. Daí porque muitas das principais mudanças sentidas pelas interlocutoras afetavam diretamente suas práticas sociais, conseqüentemente as formas de se relacionar com o conteúdo das redes e os sujeitos que a elas estavam ligados. Raquel Recuero (2012) argumenta que os perfis da internet são uma forma dos sujeitos demarcarem suas presenças em um espaço caracteristicamente fluídico e sem concretudes de espaço. Assim, o sujeito se constrói performaticamente através de fotos, assuntos que se interessa ou que publica, a maneira como se expressa, os amigos que possui, dentre outros.

Um perfil da internet não se constitui em algo estático, uma vez que acompanha as transformações sofridas pelo sujeito, quem pode mudar, a qualquer instante, uma ideia, uma opinião ou um interesse. Uma vez que os perfis auxiliam na interação e na contextualização relacional entre sujeitos, podem ser adaptados de acordo com os valores e as intenções de cada momento regido por expressões e percepções específicas. Todas estas consistem em maneiras associativas de se relacionar no espaço imaterial das redes da internet e de vestir de informações um corpo imaterial; e é nesta busca por se construir um “cartão de visita” a ser disponibilizado

de acordo com as características e interesses de cada rede que o sujeito tem a possibilidade de experimentar facetas de si, interferindo em sua construção identitária.

4. REFLEXÕES

Considerando o caleidoscópio de características que um sujeito pode apresentar quando da construção de sua individualidade, considera-se pertinente compreender e analisar a riqueza de conteúdos, bem como o reconhecimento da existência de linhas de convergência e divergência a determinados assuntos, os quais permeiam a construção do social, no campo do coletivo em interação com diversas subjetividades, e da identidade subjetiva em relação com a pluralidade do social.

Por estas razões, pode-se afirmar que alguns aspectos do mundo, como o trabalho, o amor e a família, não são sociais e sim fatores de sociabilidade, que seria, então, a forma pela qual os indivíduos atuam em direção a uma unidade no bojo da qual os interesses são realizados e no qual é estabelecido o caráter que aquele ser terá na comunidade. No campo das interações sociais, o advento das tecnologias determinou novas formas de relações de sociabilidade às quais não podem mais ser cartesianamente alocadas em simples faixas etárias e sexualidades, pois mesmo estas características consistem em terrenos de forte efemeridade e transitabilidade, pois estão intimamente vinculadas com questões comportamentais e de posturas de vida, uma vez que neste jogo social, os fatores de atração e os catalisadores de interesse provêm de pontos os mais diversos possíveis.

O sentido de mundo sociologicamente ideal é necessário para que haja uma sensação de que, em parte, as pessoas são iguais e possam interagir estabelecendo laços de sociabilidade.

Neste “jogo de faz de conta” (SIMMEL, 2006, p.71) para que não haja a impressão ao sujeito de que ele está se relacionando com falsas práticas é importante a manutenção de certos vínculos com a realidade, com o intuito de romper esta impressão. Desta forma, os laços entre as práticas sociáveis e o que acontece no plano off-line devem ser mantidos para que a relação estabelecida não perca sua funcionalidade. e, se em muitas vezes o sentido de embate surge no subjetivo do sujeito, este é um exemplo manifesto da própria sociedade e esta é conflituosa, esta é diversa e suas comunicações são intensas.

Desta forma, a experiência se constitui como o conjunto de formas, pelas quais o indivíduo pode operar e se relacionar com os demais, consigo e com sua realidade. A variedade de signos representa a diversidade de significados que os comportamentos possuem, uma vez que são construídos a partir da teia da cultura com a qual estão conectados e são partilhados por um coletivo. Identidade, corpo e performance devem passar a serem vistos dentro de sua própria construção reflexiva e plural de escolhas, no qual se constituem não apenas naquilo que o sujeito é, mas também com quem o sujeito se relaciona ou sobre o quê o sujeito fala, faz e com quem o fala, faz. Todo seu entorno e seus vínculos interacionais, sejam eles do mundo off-line e do on-line são reforços para sua identidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Bodies that matter*. London: Routledge, 1993.

_____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

_____. “Conversando sobre

psicanálise: entrevista com Judith Butler. In: *Estudos Feministas*, 18, janeiro-abril, Florianópolis, 2010, pp. 161-170. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>>. Acesso em 18 de Jan. 2013.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Trad.: Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: v. 5*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

DURKHEIM, Émile. *O que é fato social e A sociedade como fonte do pensamento lógico*. In: *Durkheim (Coleção Grandes Cientistas Sociais)*. São Paulo: Ática, 1993.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. *Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas*. In: *Ensaios de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. MACHADO, Roberto (Trad. E Org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. 1973. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.

HARAWAY, Donna. *Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*. *Cadernos Pagu*, 22, 2004, pp.201-247. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em 07 de abr. 2011.

_____. *Manifesto ciborgue*. Disponível e <<http://deriva.wikispaces.com/Manifesto+Ciborgue>>. Acesso em 28 de set. 2012.

HEILBORN, Maria Luisa. [et al.]. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

_____. *Presenças do outro*. Trad.: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAUSS, Marcel. *Técnicas corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MARTIN, Emily. *Flexible Bodies*. Boston: Beacon Press, 1994.

_____. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad.: Décio Pignatari. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

RECUERO, Raquel da Cunha. *A conversa em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad.: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TURKLE, Sherry. *A vida no Ecrã. A Identidade na Era da internet*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.